

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: O Estado de São PauloClass.: POR 00001Data: 25/06/72

Pg.: _____

**Reserva é o orgulho
dos índios potiguares****Do correspondente em João Pessoa**

Baía da Traição, município do litoral paraibano, a quase 100 quilômetros ao norte de João Pessoa. A reserva dos potiguares é uma área verde de 56 mil hectares, cercada e administrada pelo Funai, Fundação Nacional do Índio, antigo Serviço de Proteção ao Índio. Ali, vivem, orgulhosos de sua reserva, os 2.500 remanescentes dos índios potiguares.

A rigor, a pequena povoação não difere muito de qualquer povoado do interior do Estado. Os índios vivem como civilizados. Vestem calça e camisa, saia e blusa, andam calçados, fumam cigarros comuns, ouvem rádio, votam e assinam o nome, falam bem o Português e se entendem direito com os demais habitantes de Baía da Traição.

Vivem praticamente da precária cultura da mandioca, que exercem da forma mais primitiva, sem qualquer ajuda técnica. Sua agricultura é de subsistência, a comercialização tem mais o efeito de troca do que o objetivo de lucro. A pecuária é reduzida e contraproducente até para o sustento, pois o gado não é leiteiro. A pesca serve unicamente para o sustento.

A única festa que comemoram é a de São Miguel, em setembro, quando limpam o pátio da igreja e passam a noite acampados em frente. Guardam os domingos e feriados e os dias santos religiosos. Jogam pelada (o povoado tem dois campos) e têm um alto senso de solidariedade: se qualquer forasteiro, mesmo a Polícia, bater num deles, terá de brigar com todos.

CHEFE GERALDO

O centro de Baía da Traição é a chamada "rua da frente", onde se aglomera, sem qualquer critério de alinhamento, o maior número de residências e casas comerciais. Dessa rua se pode ver a cerca de estacas e arame farpado que isola a cidade do posto indígena. Este fica num elevado de aproximadamente vinte metros, com uma porteira sem vigia.

No prédio do posto mora, com a mulher e quatro filhos, o chefe Geraldo — Geraldo Vieira de Melo, 37 anos, pernambucano, que entrou no ex-SPI por curiosidade e permanece na Funai por amor ao índio. Numa sala maior, a administração. Um aparelho de rádio SSB é o único meio de comunica-

ção como uma espécie de cacique.

Geraldo conta que o posto foi fundado em 1930. O cacique Santana viajou a pé até o Rio de Janeiro, para falar com o marechal Rondon. O núcleo não tem qualquer apoio do governo, exceto o que lhe garante as fronteiras.

A assistência médica, embora precária — há uma Unidade Sanitária Estadual, visitada mensalmente por um médico e uma enfermeira — não tem sido suficiente porque os índios vão bem de saúde. Doenças como a tuberculose, a sífilis ou os males venéreos são raras. A incidência maior é da verminose. Mas o índice de mortalidade infantil é insignificante. A média de vida é 50 anos.

Só as crianças estudam. E até o curso primário. Uma professora dá aulas em dois turnos, numa escolinha de 30 carteiras, com quadro negro, biblioteca, farmácia, quarto de merenda, banheiro e sanitário.

AS ALDEIAS

No núcleo há 19 aldeias primitivas. Nenhuma difere da outra em nada. A de São Francisco se destaca por nela viverem uma filha e uma sobrinha do ex-cacique Santana, a quem as mulheres reverenciam com um respeito sincero. Os homens reverenciam Daniel, também

filho do cacique fundador do núcleo, líder natural do grupo, em quem os índios vêem uma espécie de símbolo do seu antigo sistema de vida.

Como seus irmãos de raça, Daniel é um tipo pacato, refratário à civilização que existe fora da cerca de estacas e arame farpado que cerca a povoação. Com efeito, dos 2.500 habitantes do vale, poucos aspiram à vida nos centros urbanos. Os que saem, voltam sempre. Menos pressionado pelas hostilidades do ambiente urbano, do que pela saudade da terra e da gente. No fundo, gostam de viver a vidinha livre e despreziosa do seu vale verde.

Há uma certa felicidade, tanto entre os remanescentes dos potiguares, como entre os mestiços de Baía da Traição, em viver no relativo isolamento de sua vida grupal. Não se trata de um preconceito, mas de uma espécie de orgulho. Não desprezam os contatos com os brancos. Mas são orgulhosos de constituir uma comunidade à parte, cujo testemunho é a cerca de estacas e arame farpado que os separa da cidade dos brancos.